

## **Empreendedorismo nos países de língua oficial portuguesa**

**Dia 22 de Novembro de 2011  
Auditório da Sociedade de Geografia de Lisboa  
Rua das Portas de Santo Antão n.º 10**

Professor Doutor Luís Aires-Barros - Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa

Prof. Luís Campos e Cunha – Presidente do Conselho Coordenador da SEDES (Associação para o Desenvolvimento Económico e Social)

Dr. Luís Barata – Secretário-Geral da SEDES e Vice-Presidente da Semana Global do Empreendedorismo.

Professor Doutor João Pereira Neto - Secretário-Geral da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Estimados Professores,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

É enorme a satisfação desta oportunidade de participar desta iniciativa. Já é lugar-comum mencionar a crise como dominando a ordem do dia e portanto a necessidade de análises, reflexões, debates, visando conhecer melhor a sua origem e natureza, para melhor poder se equacionar as estratégias de combate e sua superação. Muitas vezes apresentada como uma verdadeira praga ou pelo menos externa e alheia aos nossos comportamentos, tem levado a um sentimento quase generalizado de impotência e alguma irresponsabilização.

Alegra por isso participar desta jornada consagrada ao retorno e ao visitar dos conceitos básicos, dos fundamentos da construção do progresso económico, sobretudo sendo nesta casa

da ciência, portanto desprendida de outras inclinações que não a procura do saber e do avanço dos povos.

Compreendo o simbolismo do convite que me foi dirigido, mas mais que cumprir essa disposição protocolar de representar a organização que congrega os países falantes do Português, alegra-me constatar um progressivo redireccionamento no processo de procura de alternativas para a crise que hoje compreendemos ter uma dimensão global e poder afectar a todos.

Também tenho perfeita consciência de estarem aqui reunidas verdadeiras autoridades deste ramo da ciência, pelo que, não tenho a ambição nem a veleidade de pretender contribuir com ideias originais sobre este tema, tão actual e tão importante, sobre o qual já se disse quase tudo. Não obstante, discutir o empreendedorismo nos países de língua portuguesa soa-me desde logo a um reconhecimento da existência de oportunidades de negócio e investimento nos nossos países; à existência de vantagens comparativas que podem sustentar ideias de desenvolvimento económico através da geração do emprego e de rendimentos para a população.

Assisti às Conferências da manhã e fiquei particularmente satisfeito com o Enquadramento económico e as recomendações feitas pelo Eng.<sup>o</sup> Henrique Neto, pois, perdoem-me reconhecer, doutra forma, tem sido muito difícil compreender a insistência numa via de exclusividade Europeia e de encontrar soluções no contexto regional e no âmbito também quase exclusivamente financeiro. Não disponho de argumentos para sustentar qualquer tese noutra sentido, mas parece-me óbvio que a crise do crescimento, a fraca competitividade da economia, o

surgimento de activos tóxicos e toda a imensa nomenclatura que se tem produzido a respeito, têm todos a ver com a saturação dos mercados, neste caso particularmente o americano e o europeu. As populações têm sido incentivadas a consumir, mesmo quando o produto oferecido já não corresponde à necessidade. Tornou-se necessária a construção de modos de vida que pudessem sustentar o crescimento da economia – não se pode por isso surpreender que os produtos resultantes desse mecanismo produtivo tenham em algum momento se transformado em produtos especulativos. A inovação e a criatividade irão criar novas formas de mercado na Europa e nos Estados Unidos mas as básicas e tradicionais estão saturadas.

Em contraste, parece-me relevante destacar aqui o facto desses produtos, as infra-estruturas a imobiliária e outros, que sustentaram o crescimento durante várias décadas na Europa serem hoje ainda uma necessidade absoluta em África. Quais afinal as barreiras? Não parece lógico que seja o financiamento pois estaríamos a admitir que a China está a oferecê-las gratuitamente aos países africanos, e com toda a gama de efeitos nefastos que podem arrastar pois sem supervisão, sem concorrência, sem transferência de tecnologia e conhecimento nem o emprego para a população local.

Também não são os riscos de factor. Para esse efeito, convido a pesquisar o mecanismo MIGA - *Agência Internacional para a promoção da Garantia ao Investimento – Uma Agência ligada ao Banco Mundial que promove o investimento directo estrangeiro através do seguro sobre o risco político a investidores e a credores, contra perdas causadas por riscos não comerciais. E o FAGACE - Estabelecimento público internacional de carácter económico e financeiro especializado na promoção de investimentos públicos e privados. Tem por objectivo, contribuir para o desenvolvimento económico e social dos estados membros, de forma individual ou colectiva através da participação no financiamento dos seus projectos de*

*desenvolvimento ou facilitando a sua realização através de medidas de acompanhamento como a bonificação ou o prolongamento da duração dos créditos.*

A única explicação que encontro é talvez o facto de que, a potência dominante da Europa não ter uma vocação panorâmica e global. Ora o estudo recentemente divulgado pelo Instituto Camões sobre o valor económico da língua que aponta a cifra de 17% como seu contributo para o PIB Português deve obrigar a uma maior atenção de todos nós para os espaços de influência do Português.

Para o conjunto dos nossos países, mesmo excluindo a Indústria extractiva, que atrai outras atenções e interesses, e pouco virada para o pequeno empreendedor, dispomos no geral de produtos estratégicos muito importantes nos domínios da agricultura e a agro-indústria, nas pescas, no turismo e nos serviços. Necessitamos é de políticas claras e programas de promoção do investimento, através de um quadro jurídico virado para a facilitação do negócio e o investimento (aqui sobretudo de um código de investimento e uma lei de trabalho que reconheçam e promovam o investidor lusófono), necessitamos de garantir os determinantes nacionais do empreendedorismo e favorecer o surgimento de parcerias globais que, como disseram hoje tanto o Eng.º Mira Amaral como o Dr. Camilo Oliveira, estão facilitadas pelas redes virtuais de comunicação, já existentes. Aliás nesse domínio temos razões para algum optimismo pois os jovens estão mais abertos e disponíveis a assumir esses riscos.

A meu ver, a **Private equity** (atividade financeira realizada por instituições que investem essencialmente em empresas que ainda não são listadas em [bolsa de valores](#), com o objetivo de alavancar seu desenvolvimento. Esses investimentos são realizados via [Fundos de Private Equity](#).) e a **Venture capital** (investimento na fundação de uma empresa nova ou expansão de uma empresa pequena) são mecanismos que

poderiam cumprir esses desideratos em substituição do tradicional, já arcaico e esgotado mecanismo de financiamento via endividamento público – mas esta, matéria para outro espaço.

Termino referindo-me a uma citação de Simon Tupman encontrada no Guia do Empreendedor, publicada pela SEDES que diz que “o necessário é um compromisso com o sucesso e paixão pelo que fazemos”.

Agradeço o convite e felicito aos organizadores por esta excelente contribuição ao empreendedorismo e ao desenvolvimento dos países e povos de língua portuguesa.

Obrigado.